

As vinhas da ira [The Grapes of Wrath] de John Ford, 1940
CINE CLUBE, 22 de Janeiro de 2013
BIBLIOTECA, FCT/UNL

PORTAIS EM TORNO DO FILME:

- http://www.moma.org/explore/inside_out/2011/04/26/john-fords-the-grapes-of-wrath
- <http://www.imdb.com/title/tt0032551/>
- [http://en.wikipedia.org/wiki/The_Grapes_of_Wrath_\(film\)](http://en.wikipedia.org/wiki/The_Grapes_of_Wrath_(film))
- <http://www.filmsite.org/grap.html>
- <http://www.imsdb.com/Movie%20Scripts/Grapes%20of%20Wrath,%20The%20Script.html> (guião do filme)

PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR:

- <http://sensesofcinema.com/2002/great-directors/ford/> (Senses of Cinema: um portal muito interessante)
- <http://explore.bfi.org.uk/4ce2ba151e3be> (British Film Institute: em torno do realizador John Ford)
- <http://www.afi.com/members/catalog/AbbrView.aspx?s=&Movie=6073> (American Film Institute)
- <http://www.afi.com/> (American Film Institute, homepage)

PORTAIS EM TORNO DO ESCRITOR JOHN STEINBECK:

- http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1962/steinbeck-bio.html (Nobel Prize Foundation)
- <http://www.biography.com/people/john-steinbeck-9493358>
- http://en.wikipedia.org/wiki/John_Steinbeck
- <http://vault.fbi.gov/John%20Steinbeck> (Um dossier sobre John Steinbeck estabelecido pelo FBI dos EUA)
- <http://www.steinbeck.org/> (National Steinbeck Centre)
- <http://www.nndb.com/people/846/000031753/>
- <http://newdeal.feri.org/steinbeck/hg01.htm> (Uma série de artigos publicados por Steinbeck, intitulada The Harvest Gypsies no jornal *San Francisco News*, em 1936)

“Visões de Queda e Ascensão no filme, *As vinhas da ira*, de John Ford”
Christopher Damien Aurretta
DCSA/FCT/UNL

“Ford never bought into – and snarled at—John Wayne’s reactionary politics. If he were alive today, Ford would lock arms with Tom Joad in defense of the ‘people’ against the banks, the corporations, and the shrill know-nothings among us. Like Walt Whitman, John Ford sometimes contradicted himself. But also like Whitman, he contained multitudes.” (In: Post de Charles Silver, “John Ford’s *The Grapes of Wrath*”, MoMA Inside/Out: http://www.moma.org/explore/inside_out/2011/04/26/john-fords-the-grapes-of-wrath)

O filme de John Ford (1895-1973), *As vinhas da ira*, baseado no romance do mesmo título do autor John Steinbeck (1902-1968) é, em parte, um **ensaio lírico** (ou **documentário poético**) sobre a Depressão económica, a desertificação das terras agrícolas da região central dos EUA, uma catástrofe natural e humana (o “Dust Bowl”), que marcou a história desse país dos anos 30 e sobre uma exacerbada clivagem social resultante desta catástrofe entre os ricos e os pobres, uma clivagem que o filme e a ficção em questão retratam em termos da opressão e injustiça impostas pelo Banco, o Patronato e as Grandes Empresas em detrimento da vida dos camponeses (os “sharecroppers” ou “tenant farmers” de longa tradição na América rural, agora destituídos das suas terras ancestrais devido à crise económica, ecológica e moral). Esta crise, que o filme – como ensaio lírico – ilumina mediante o emprego de jogos de luz e sombra, particularmente evidentes nas primeiras cenas do filme (um exemplo da cinematografia genial de Greg Toland, que, no ano seguinte, colaboraria com o realizador Orson Welles, na realização de *O mundo a seus pés [Citizen Kane]*). Eis um jogo de luz e sombra que acentua o estado de um mundo (tradicional) em vias de se desagregar. Eis, na verdade, um exemplo da força visionária deste filme emocionalmente puro e cinematograficamente complexo: o mundo em desagregação sugere o mundo da Queda mítica relatada no Antigo Testamento, assinalando a perda de inocência, a subsequente experiência do Mal (na forma de abandono, doença, loucura, penúria material e escravização humana) e a subsequente, lenta **tomada de consciência** por parte do protagonista “Tom Joad” (e ainda a de outros, por exemplo, “Ma Joad” e o ex-padre “Jim Casy”) de a condição humana constituir o

problema radical para cada ser humano, com ou sem família, com ou sem terra, com ou sem fortuna no Banco, com ou sem alma. **Cada ser humano sujeita-se a, torna-se vítima e/ou enfrenta o problema do Mal como sendo o desafio central para o ser humano. O filme de Ford constitui toda uma reflexão visual sobre estas forças elementares que condicionam a nossa vida individual e colectiva. Tais forças acabam por revelar as dimensões do ser humano confrontado com as forças de todo o tipo que ameaçam esmagá-lo.**

O filme de John Ford relata também, em conjunto com o seu ensaísmo lírico, a imensidão temporal e espacial de uma **epopeia moderna**, uma Viagem que começa com o êxodo (de ressonância bíblica) de milhares de agricultores e suas famílias, representando agora uma multidão de desapaosados, desde que o Banco se tornou dono ávido das terras e bens que não rendiam mais. Um êxodo de nómadas, migrantes (ou, nas palavras de Steinbeck, numa série de artigos que publica no *San Francisco News*, em 1936, i.e., dois anos antes de escrever a ficção homónima, uma população de “harvest gypsies”), uma multidão que ruma, esfarrapada, faminta e desamparada, em direcção ao novo Éden californiano, essa Terra Prometida de iminente prosperidade, ou, quanto mais não seja, de diária, se bem que momentânea, superação da fome, miséria e desespero.

Eis o tecido narrativo, a paisagem visual, o impulso poético, a dimensão experiencial e a visão, ora angustiada, ora emancipatória, presente n’*As vinhas da ira*. Nos intervalos deste jogo disjuntivo de luz e sombra – exterior e interior – que ritma a nossa identificação com o drama do clã Joad (uma identificação que Steinbeck e Ford separadamente procuram instaurar no espectador/leitor), vislumbramos o que os dois criadores reputam ser os valores essenciais do “American people” (valores traídos pela cobiça dos bancos, a desumanidade dos donos e uma ordem social económica e politicamente corrupta). Quer o filme, quer a obra de ficção interpretam esta cobiça e esta desumanidade como o Mal moderno que ameaça quebrar a perenidade desses valores.

O êxodo das terras secas de Oklahoma, Colorado, Texas, Kansas, Arkansas, etc. torna-se finalmente numa epopeia, não apenas geográfica, mas, sobretudo, de natureza interior: **uma epopeia sobre rodas, bem como uma epopeia da consciência humana**. “Tom Joad”, antigo presidiário, que vemos caminhar, no início do filme, ao longo de uma solitária estrada rural rumo à sua casa natal, após quatro anos passados na prisão, será o repositório, afinal de contas, de uma memória (não tanto a do clã Joad, cuja memória será incarnada e salvaguardada pela figura da mãe, a protectora e generosa “Ma Joad”, uma memória que lhe permitirá a ela exprimir, na cena final do filme, uma fé indomável no “people” que ela acaba por entender ser o seu mundo e o seu destino). “Tom Joad” será igualmente o portador de uma mensagem mais socialmente revolucionária do que messianicamente visionária, uma mensagem que recebe do ex-padre “Jim Casy”, morto num rio por agentes policiais corruptos (num rio que lembra as águas onde João Baptista recebera e baptizara o Jesus do Novo Testamento). “Casy” representa de facto um santo secular: uma figura que conjuga traços de milenarismo populista com um proto-socialismo revolucionário. Ora “Ma Joad”, “Jim Casy”, o clã Joad, a multidão de famílias desesperadas e desamparadas, entre outros, traduzem-se no final do filme, numa **tomada de consciência** por parte do protagonista da **dignidade a que tem direito todo o indivíduo por mais humilde que este seja**. Daí, o universalismo da figura de “Tom Joad”.

Assim, “Tom Joad” adquire, no final desta epopeia fílmica (e discreto ensaio lírico) o estatuto de um homem-símbolo cuja universalidade se enraíza num inabalável sentido de justiça, ou antes, numa fome de justiça, uma fome de que a sua consciência alargada agora padece. Os seus actos e as suas palavras futuros procurarão, adivinha-se, contribuir à concretização de um mundo socialmente redimido.

Assim, se existe um paraíso ao nosso humano alcance, este paraíso será decididamente terrestre, e as suas sementes encontrar-se-ão, talvez paradoxalmente, nos mesmos latifúndios californianos que tão brutalmente escravizam os pais e filhos desta *diaspora* americana. Com efeito, a partir da consciência da injustiça, surge no filme uma consciência paralela da possibilidade da sua definitiva superação. A partir do Éden corrupto dos pomares californianos, vislumbra-se um Éden diferente, de cariz social, baseada, muito para lá das actuais adversidades enfrentadas, na memória ancestral – nunca totalmente abandonada – da justiça humana. **A epopeia dos povos não culmina sempre na promessa de uma Terra mítica de plenitude e de esperança renascida? No desenlace das epopeias não se vislumbra uma nova história de justiça colectiva restaurada?**

Repare-se nas últimas imagens de “Tom Joad”: anda novamente solitário por uma encosta acima, novamente considerado um criminoso, mas agora dotado de uma visão embrionária do que é a verdadeira justiça social. Ele pertence, portanto, a partir de agora, à grande “família” que é toda a humanidade em si. Reside nele, a partir de agora, a memória desta humanidade de que ele é afinal o repositório.

Ao vermos “Tom Joad” andar por uma encosta acima, não estaremos a testemunhar o (re)nascido de uma consciência moral (agora mais elevada, mais exigente e mais universal), uma consciência imbuída de amor pela justiça e pela dignidade humanas, bem como de **uma ira contra a injustiça reinante?**

Nesta última imagem no filme do protagonista solitário, não incarnará “Tom Joad” uma consciência literal e simbolicamente em ascensão?